OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 282

21 DE OUTUBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. JOSÉ III, CARDEAL PATRIARCHA DE LISBOA (Segundo uma photographia de F. de Federicis, de Roma)

Por motivo de mudança das officinas onde este periodico é impresso, se demorou a publicação d'este numero, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

CHRONICA OCCIDENTAL

Cá temos o outomno com os seus dias de sol radiante, e com as suas noites de chuva torrencial, o outomno com os seus arremedos do verão que já lá vae, com os seus arremedos do inverno que bate á porta, o outomno a epocha em que os theatros se abrem, em que as arvores se despem, em que os phthisicos se enterram.

O cahir da folha, esse sinistro cahir da folha, que tem já uma tradicção tragica que dia a dia se confirma, já este anno começou a sua lugubre tarefa, a sua desoladora colheita.

Um d'esses tristes condemnados que elle não deixou aquecer-se ainda este anno ao sol fugitivo do rapido verão de S. Martinho, foi um collega nosso, um d'esses valerosos trabalhadores da lucta quotodiana das lettras, d'esses infatigaveis operarios do pensamento a quem a *lufa-lufa* de todos os dias não permitte o serem artistas a valer como o seu talento os faria se lhes sobrasse tempo para trabalharem a valer as suas obras, para pensarem maduramente os seus trabalhos.

Luiz Quirino Chaves, que assim se chamou em vida aquelle cujo desapparecimento a chronica hoje regista, tinha poderosas faculdades para fazer brilhante caminho no mundo das lettras, para deixar mais que um nome apreciado, para deixar um nome glorioso.

As suas estreias foram brilhantes e faziam antever um futuro triumphante, que as condições miseraveis do nosso meio litterario não o deixaram attingir.

Em vez de produzir bem, Quirino Chaves, logo no começo da sua carreira, e durante toda ella, foi obrigado a produzir muito.

Durante vinte annos espalhou elle ás mãos cheias, por toda a parte, por jornaes, livros, theatros, folhetins, noticiarios, revistas, chronicas, talento bastante para fazer uma solida reputação, se fosse condensado n'um ou dois trabalhos importantes, reflectivos, cinzelados com o cuidado minucioso, com o acabamento perfeitissimo que caracterisa as obras primas.

As necessidades da vida, os seus encargos de familia, a remuneração pouco farta que entre nós tem o trabalho litterario, não lhe permittiam porém o luxo d'artista de acariciar por muito tempo uma obra d'arte, de não a profanar aos olhos do publico senão depois de ter posto toda a sua alma, toda a sua sciencie, todo o seu estudo, na realisação do seu ideal.

Forçado a trabalhar para viver, não podia trabalhar para a gloria: do seu trabalho é que elle tirava o pão para os seus filhos, e por isso tinha que trabalhar muito, tinha que trabalhar sempre, sem ter tempo para escolher assumpto, para pensar obras, para corrigir trabalhos.

E ainda assim depois d'esse labor incessante, Quirino Chaves chegou ao fim da vida, pobre como começára, conseguindo apenas arrancar a esse trabalho herculeo que lhe consumiu toda a sua existencia, o sufficiente — quando sufficiente era — para sustentar sua familia.

Por fim, em pouco tempo, a phthisica de larynge prostou-o no leito: veio o cahir da folha e levou-o para a cova.

Uma lembrança saudosa sobre o tumulo d'esse confrade que desapparece, d'esse homem de talento que tanto trabalhou, e que no fim de tudo não deixou nenhum trabalho, que possa dizer ámanhã, com verdade, áquelles que o não conheciam, quanto valia aquelle espirito brilhante, que a morte hoje apagou.

Os negocios policiaes, isto é, a maneira de fazer policia continua a chamar agora a attenção do publico e oxalá que consiga attrahir as attenções dos homens que governam.

Um jornal do Porto publicou ha dias uma bem feita correspondencia de Lisboa ácerca dos abusos da auctoridade que quotodianamente se praticam na capital para vergonha nossa, e que demonstram completamente a ignorancia absoluta em que está muita gente, a começar por algumas das principaes auctoridades, dos artigos mais liberaes da carta constitucional, d'esses artigos que tanto sangue custaram a conquistar para a garantia do cidadão e que todos os dias são espesenhados para ahi brutalmente pelo primeiro cabo de policia a quem se lembram de pôr um treçado á cintura.

Tem carradas de rasão o auctor d'esse excellente artigo: o assumpto é de alto interesse para que se não deixe passar em silencio, é necessario que todos protestem em nome da justiça contra as arbitrariedades que para ahi se praticam quotodianamente como se se tratasse da cousa mais legal d'este mundo, afim de que os poderes publicos olhem uma vez a serio para estas coisas, e façam cohibir os abusos de auctoridade, que contra a lettra expressa da lei, a toda a hora transformam Portugal n'um paiz de selvagens.

O *Diario de Noticias*, do dia em que escrevemos, por exemplo, traz uma noticia que, a ser verdadeira, tal qual é redigida, é tudo o que ha de mais extraordinario e assombroso nos annaes da policia portugueza.

É ainda ácerca do celebre caso das parteiras, a tal noticia, que copiamos textualmente:

«Em vista de uma carta anonyma recebida pela auctoridade foi capturada ante-hontem uma parteira, moradora na rua das Freiras Sallessias, accusada de ter promovido abortos.»

Esta é pyramidal!

A carta anonyma, essa arma vil e infame, que em toda a parte é repellida como uma cobardia ignobil, faz fé, segundo esta noticia, perante a policia portugueza.

Em vista d'uma carta anonyma, prende-se uma mulher pelas denuncias, sem assignatura nem responsabilidade, que n'ella se lhe fazem!

Se isto é assim, se uma carta anonyma tem as honras de accusação formada, se uma denuncia qualquer, sem auctor nem garantia é o bastante para metter uma pessoa nos calaboiços do governo civil, digam-me quem está livre de mais dia menos dia ir parar a esses calaboiços, accusados dos mais nefandos crimes: digam-me para que servem esses artigos que ha na constituição para salvaguardar as garantias individuaes, se até nem as põe a coberto de todo, o que ha de mais vil no mundo, uma denuncia anonyma!

Pode ser que na redacção da noticia haja qualquer cousa que a desfigure, e queremos crêr que assim seja porque custa-nos muito a acreditar, que no fim do seculo XIX, em Portugal uma carta anonyma seja o bastante para que se prive uma pessoa da sua liberdade, mas se effectivamente a cousa é assim, então pedimos para ella a mais rigorosa attenção das auctoridades superiores, exigimos que se tire bem a limpo todo esse caso, vergonhoso e indigno d'um povo que se presa.

A vida theatral começou já em Lisboa e diga-se em abono da verdade que começou muito bem.

O theatro da Trindade apresentou a sua primeira peça da presente epocha e essa peça foi um successo.

Chama-se *Gillete de Narbonne*; o poema é de Chivot e Duru, dois dos mais engraçados librettistas actuaes de opera comica, e a musica é d'Audran, o feliz maestro da *Mascotte*.

O Porto já tinha ouvido e applaudido esta peça que ha annos se deu com successo em Paris, Lisboa ouviu e applaudiu agora, e applaudiu-a com rasão porque se a *Gillete de Narbonne* não é nem como poema nem como musica uma obra prima, é todavia uma operetta muito interessante que se ouve com agrado e que tem na Trindade um desempenho excellente, magnifico por parte da actriz Josepha d'Oliveira e do actor Leoni.

A idéa do *libretto* da peça é tirada d'um conto do celebre Boccacio, um conto intitulado *Uma mulher corajosa*, cuja protogonista se chama Gillette e é de Narbonne, nome e naturalidade que lhe conservaram os librettistas francezes.

Não é a primeira vez que esse conto é aproveitado para o theatro, é já a quinta ou sexta vez e foi elle que inspirou a Shakspeare a sua deliciosa peça *Tudo é bem o que bem acaba*, e esta frequencia com que varios auctores dramaticos, a começar pelo grande poeta inglez, tem recorrido ao conto de Boccacio, prova á evidencia que a idéa d'esse conto é theatral e interessante.

E não obstante é simples como tudo o que ha de mais simples.

Gillette é uma pobre camponia que consegue com um philtro, cujo segredo herdou de seu pae, salvar o rei d'uma doença que a medicina déra por incuravel. O rei promettera fazer-lhe o que ella lhe pedisse no caso de o curar. «Quero casar com o conde de Lignolle», diz-lhe ella.

Este conde porém que a requestára com ardentes protestos d'amor, mas que nem por sonhos pensava em casar com uma labrega, casa, em obediencia ao rei, mas depois, logo ao sahir da egreja, parte para a guerra deixando a sua esposa, que nunca o fôra, uma carta em que lhe diz com pungente ironia que ella só será sua mulher realmente no dia em que lhe apresentar um annel que elle traz no dedo, e um filho fructo do seu amor.

Gillete é uma mulher corajosa e não desanima; parte a juntar-se a seu marido, sob um disfarce masculino: apresenta-se-lhe como seu cunhado, faz-se seu confidente e n'uma entrevista amorosa que o conde tem uma noite com uma italiana, substitue-se a esta, sem elle saber e d'alli a nove mezes apresenta-lhe o annel... e o filho do seu amor, como o conde na sua carta exigia.

A musica tem numeros bonitos, e mesmo em França teria maior exito, se o successo colossal da *Mascotte* lhe não fizesse mal, a não esmagasse, como é vulgar em theatro ás obras de qualquer auctor que succedem aos exitos extraordinarios.

A traducção do poema é do novo ensaiador da Trindade, o sr. Moutinho de Sousa, que é um homem de lettras distincto, um espirito muito culto e illustrado, uma capacidade theatral de 1.ª ordem.

A traducção é feita com graça, e com esmero ensaiada a peça, sendo para notar os extraordinarios progressos feitos por Josepha d'Oliveira na sua maneira de dizer, uma verdadeira transformação no seu jogo sceniço, que deveras nos surprehendeu e nos alegrou, porque não são tantas as nossas boas actrizes que não nos alegremos quando vimos alguma encetar briosamente esse difficil e pouco frequentado caminho.

O theatro do Gymnasio teve tambem o seu grande successo com uma peça em tres actos imitada do italiano por Pinheiro Chagas com o titulo de *A mulher do proximo*.

Não é facil contar esses tres actos, todos elles cheios de peripecias engraçadissimas, de quiproquos desopilantes, que mantem o publico em permanente hilariedade.

A comedia muito bem marcada por Leopoldo de Carvalho, e tem que marcar como o demonio, é *enlevée* com muito chiste por todos os artistas que vão tão bem, tão bem nos seus papeis, que não é facil, nem seria justo marcar primasias.

E agora estão a chegar do Brazil as companhias do theatro de D. Maria e do Principe Real, cheios de gloria e de libras: a companhia de S. Carlos já cá está em parte, e o resto espera-se por estes dias, pois no dia 28 é abertura da epocha lyrica: entramos portanto na plena estação theatral, estação que se annuncia muito animada e brilhante.

Assim seja.

Gervasio Lobato.

D. JOSÉ III

Cardeal Patriarcha de Lisboa

José Sebastião Netto, nasceu no Algarve, na cidade de Lagos, no dia 20 de janeiro de 1841. Filho legitimo de Raymundo José Netto e de D. Catharina Lucia d'Almeida Netto, fallecida em Lisboa a 11 de dezembro de 1883.

Mostrando desde a sua infancia o mais decidido e piedoso fervor pela caridade e pela egreja, e desejando seguir a vida ecclesiastica, seus paes consentiram que elle fosse cursar os estudos preparatorios e ecclesiasticos no Seminario de S. José da cidade de Faro, no anno de 1855, o que fez com notavel aproveitamento, tendo merecido nos exames do curso trienal theologico, no primeiro d'estes, premio, e no segundo e terceiro, accessit.

Foi ordenado de prima tonsura e menores em 25 de maio de 1861; de subdiacono em 20 de dezembro de 1862; de diacono em 30 de maio de 1863; e de presbytero em 1 de abril de 1865, pelo ex.mo sr. D. Ignacio, então bispo do Algarve, depois patriarcha de Lisboa, e de quem o novo sacerdote foi seu famulo.

Em 17 de agosto de 1865, reconhecendo o sr D. Ignacio que o novo levita estava bem apto para servir a egreja, dignou-se nomeal-o para o cargo de ajudador da freguezia de Boliqueime, em que serviu com todo o zelo que o seu caracter de exemplar sacerdote lhe permittia, até 1873, e por ter, com notavel capacidade, exercido este cargo, foi nomeado parocho encommendado da mesma freguezia, cargo que exerceu com o mesmo zelo até 1875, em que entrou no convento do Varatojo a 15 de agosto.

O grande desejo que o joven presbytero possuia pela vida monastica foi o que motivou a sua reiterada insistencia com o seu prelado para que o substituisse n'aquelle cargo, o que a afinal conseguiu, passando para aquelle convento de franciscanos que tão ardentemente desejava.

Parece que a Providencia lhe estava segredando qual o futuro que mais tarde lhe estava reservado por isso que, estando em missão tempo depois na freguezia de S. Izidoro, proximo a Mafra, lhe foi, com grande admiração e magua sua, participada a nomeação para bispo de Angola e Congo, tendo de sair do seu retiro em 27 de setembro de 1879, depois de confirmada pela Santa Sé

Foi sagrado na egreja de S. Julião em 18 de abril de 1880 pelo Nuncio de Sua Santidade, Monsenhor Masella, a que assistiu um numeroso e selecto auditorio, e partiu para a sua diocese em 5 de agosto seguinte, publicando a sua pastoral de saudação em 15 de setembro de 1880, e onde prestou relevantissimos serviços á Egreja e aos seus diocesanos.

Em 6 de abril de 1883, foi resolvida entre o governo e a Santa Sé a sua elevação a patriarcha de Lisboa, facto que novamente o surprehendeu e que como soldado obediente teve de resignar-se a acceitar. Em 26 do referido mez foi a sua apresentação pelo governo e em 9 de agosto foi a sua confirmação. A 18 de setembro chegou a Lisboa, indo hospedar-se no Collegio Filial das Missões Ultramarinas, em Chellas, recebendo ahi o pallio e tomando posse por procuração em 29 do referido mez, e em 7 de outubro fez a sua entrada solemne na cathedral com toda a magnificencia propria d'aquella solemnidade, sem que tão grande honra já mais perturbasse o seu espirito humilde, fazendo uma brilhante allocução em presença dos principaes membros do ministerio, alto clero e grande numero de pessoas que se acotovellavam para ouvir a palavra serena, fluente e cheia de uncção evangelica, que o novo prelado dirigia ao auditorio.

Foi este um facto a que assistimos na Sé e que mais nos commoveu agradavelmente, e desde logo nos persuadimos que tinhamos á frente d'esta diocese um caracter dignissimo e virtuoso, que mais tarde foi de todos conhecido e admirado, quando se publicou o seu referido discurso, e em 21 de novembro a sua primeira pastoral de saudação.

Os factos que se seguiram e são inherentes ao seu elevado cargo foram a sua posse como par do reino em 16 de janeiro de 1884, a sua nomeação de cardeal no consistorio de 24 de março e em 30 recebeu o Solideo Vermelho no Paço de S. Vicente.

Em 17 de abril recebeu o barrete cardinalicio, no paço d'Ajuda, das mãos de Sua Magestade El-Rei. Em 22 de maio de 1886, casou em S. Domingos Sua Alteza o Principe Real, sendo depois agraciado com a grã-cruz da Conceição.

Sendo indispensavel a sua comparencia em Roma, para alli partiu a 26 de maio, a fim de receber das mãos de Sua Santidade o chapeu cardinalicio, levando em sua companhia o seu dignissimo e esclarecido secretario desembargador Elviro dos Santos, Monsenhor Serrano, chanceller do patriarchado e o ex.mo sr. D. José Pombal, chegando a Roma em 5 de junho e sendo logo recebido por Sua Santidade do modo mais amavel e cordeal proprio a deixar profunda gratidão e reconhecimento no coração de sua eminencia.

No dia 10 teve logar o consistorio em que recebeu o chapeu cardinalicio.

As suas virtudes conhecidas em Roma, fizeram com que elle fosse justamente considerado e muito obsequiado, sendo convidado para no dia 13 sagrar na egreja de S. Izidoro o bispo Romano de Castellaneta, o que se effectuou com a magestade propria do seu elevado cargo. Tomou posse tambem da egreja dos Santos Apostolos em Roma como seu padroeiro, na forma usada pela Santa Sé para com todos os cardeaes, e terminando assim a sua estada em Roma partiu para Paris em 16, onde celebrou de pontifical em 19, na egreja do Seminario da Congregação do Espirito Santo. Em 25, estando na Basilica de Lourdes, celebrou tambem de pontifical e presidiu á peregrinação que n'aquelle dia se effectuou. Partiu n'essa noite para Madrid, onde visitou a familia real, e regressando a Lisboa em 28, fez o sua entrada solemne na cathedral em 30, pelas 11 horas da manhã, tendo sido paramentado na egreja de Santo Antonio da Sé, d'onde seguiu debaixo do pallio com todo o cerimonial proprio, acompanhado por grande numero de altos funccionarios, clero, ordens terceiras e mais representantes de corporações religiosas, fazendo a guarda de honra uma força militar, e grande concurso de povo, o que bem demonstrava a satisfação pelo feliz regresso do virtuoso prelado.

Muitas contrariedades e alguns desgostos teem affligido o bondoso Pastor na sua carreira, e uma, a mais dolorosa, foi sem duvida, a perda de sua estremosa mãe, cujo passamento teve logar em seguida á sua elevação, e que lhe enlutou o coração de filho amantissimo.

Uma questão (que por herança do seu antecessor, o sr. D. Antonio, Arcebispo de Mitylene,) sobre excesso de jurisdição apostolica, se arrastava pelos tribunaes civis e pela imprensa entre a auctoridade ecclesiastica e a Ordem Terceira do Carmo, e que ameaçava ter o infeliz desenlace que ultimamente teve no Porto a da capella da Aguardente, poz em actividade todo o seu zelo, e graças aos seus esforços e de mais algumas pessoas dedicadas, foi resolvida a pendencia pela auctoridade ecclesiastica, e dentro da egreja decidida com geral admiração e contentamento de todos que prezam o bem da egreja e socego das corporações religiosas e humanitarias. O seu coração de pae espiritual encheu-se então de alegria ao ver terminada tão grande discordia, que poderia acarretar graves conflictos entre o poder civil e ecclesiastico.

Actualmente a sua maior preoccupação é, sem duvida, o seu Seminario Patriarchal para o melhor aperfeiçoamento dos seus educandos. Luctando com escacez de recursos o reverendo prelado trata de obtel-os, a fim de poder desempenhar a missão de educar bem os alumnos para serem bons sacerdotes e dignos de respeito, seguindo o seu exemplo, a fim de que possam servir com utilidade moral e religiosa a sociedade.

Eis, pois, um leve esboço dos factos mais importantes da vida de tão venerando prelado e que deverão ter seguimento, attentas as virtudes e elevado espirito que distinguem o seu bondoso caracter.

Lisboa, 16 de outubro de 1886.

M. A. do Patrocinio Marques.

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA VISTA DA CIDADE DO PORTO

Quem percorrer as paginas do Occidente encontra nos nove volumes já publicados, differentes vistas da segunda cidade do reino, e encontra tambem os respectivos artigos descriptivos e historicos.

Hoje publicando a pagina 236 uma vista da capital da provincia do Douro, apenas chamaremos a attenção do leitor para o magnifico panorama que se divisa na nossa gravura, cópia de uma bella photographia do sr. E. Biel & C.ª

O ponto de vista é tirado do alto da Serra do Pilar, logar historico que recorda os mais heroicos feitos que se praticaram pela liberdade, e d'alli se vê disposta em amphitheatro a invicta cidade, que a fanfarronada hespanhola, sonhou ter sido invadida triumphantemente, por um general hespanhol, ridiculo em que a briosa Hespanha cahiu ultimamente, por uma manifesta ignorancia historica, esculpindo n'um baixo relevo que glorifica o monumento do valente general Concha, a entrada triumphal (sic), do exercito hespanhol na cidade do Porto, depois da convenção de Gramido, firmada em 30 de junho de 1847!

A INDIA PORTUGUEZA

É ainda o magnifico livro do sr. Lopes Mendes, intitulado *A India Portugueza*, o qual está prestes a sahir á luz, que nos fornece o assumpto da nossa 5.ª pagina.

São tantas e tão copiosas as noticias que se encontram n'aquelle livro, sobre a historia, costumes, religião, modo de viver emfim do povo indiano, quer no christão quer no gentio, que é difficil fazer escolha que melhor dê idéa d'elle, porque desde a primeira até á ultima pagina o interesse não cessa e a curiosidade cresce, ao passo que se vae revelando n'essas paginas a vida d'aquelle paiz, desde o grande imperio portuguez alli plantado, até á decadencia dos ultimos tempos e das causas d'essa decadencia.

Entretanto ha uma parte n'este livro que offerece inteira novidade e é a que trata da mythologia indiana com todos os seus pormenores, estudada pelo sr. Lopes Mendes no meio do proprio gentio, o que lhe deu a saber coisas completamente desconhecidas na Europa, e constitue sem duvida uma das maiores novidades do seu livro.

É pois d'esta parte da *India Portugueza* que conseguimos obter do sr. Lopes Mendes o imerecido favor de nos deixar extractar alguns trechos que illucidam as gravuras que hoje illustram a pagina 237 do Occidente, pertencentes ao mesmo livro, e que, por egual mercê, o mesmo senhor nos proporcionou a publicação.

Com referencia á primeira gravura, bastará transcrever o seguinte paragrapho:

«*Zátará*. — Assistimos a esta festividade gentilica em dezembro de 1863 em Amoná. Consiste ella nas *sandhiás* ou orações feitas ao idolo no interior do pagode e na conducção d'aquelle em procissão até ao ponto em que se acha uma ara, onde lhe sacrificam cabritos e gallos, com o ceremonial que mostra o desenho tirado do natural.»

Tratando da segunda gravura que representa *Bondy* ou a volta da caçada, uma das festas mais pittorescas que se fazem entre o gentio, diz o sr. Lopes Mendes:

«*Bondy*. — Os sataryenses de casta maratha dedicam uma grande parte do tempo a exercicios venatorios nas florestas da provincia, onde existe muita chitella, meruns, javalis, bocris ou cabras, etc.

«No dia destinado á caçada, que é pelo menos um de cada semana, na epocha propria, como preceito religioso, depois de tomarem a sua canja matinal, todos os aldeãos disponiveis dos trabalhos ruraes e domesticos reunem-se no largo do pagode da aldeia, e d'alli, conduzidos pelo primeiro gãocar, partem para o logar aonde presumem haver caça grossa. Chegados ao ponto previamente combinado, o gãocar distribue as esperas, que, armadas das suas caçadeiras, sobem a grandes arvores, aonde, acocorados esperam o ensejo do apparecimento da caça.

«Estabelecidas as esperas, entram na parte densa da floresta os begarins, maneys ou roytes, destinados a montear a caça, dando gritos e fazendo grande vozearia.

«A caça, espantada, desencova, e procura sair das moitas, fugindo ao perigo que a ameaça. É então que as esperas fazem fogo. Se a caça é ferida mortalmente, o que acontece quasi sempre, por os sataryenses serem dextrissimos atiradores, o caçador, depois de se assegurar de que está effectivamente morta, abre-lhe o ventre com a coity, que traz á cintura, arranca-lhe as visceras, e embrulha-as em grandes folhas de combió. Em seguida é conduzida para o terreiro do pagode. A frente dos conductores collocam-se os caçadores e bazanterys tocando xinga, bategas de cobre, táles e atabaques, e fazendo uma gritaria infernal.

«É a este acto que os sataryenses dão o nome de *bondy*, ou volta da caçada.

«Quando regressam ao pagode collocam a caça no regato proximo, onde fica a macerar na agua corrente tanto tempo quanto fôr aquelle que o *gaddy*, astrologo ou feiticeiro da aldeia, determinar, para se fazer a distribuição da carne em conformidade com o rito religioso e estylo da povoação, a que geralmente procedem pela fórma seguinte:

«O gãocar corta uma grande folha de bananeira, estende-a em frente da porta do pagode, e sobre ella se colloca a peça de caça com o lado direito voltado para cima. Cercada pelos caçadores, fica o gãocar junto da cabeça e ao seu lado direito o gaddy, que, tirando do langotim um punhado de arroz com casca, o distribue pelos circumstantes. Finda a distribuição, juntam as mãos em acto de adoração, e o gãocar recita em voz alta uma rogativa ao deus da caça, terminando por os caçadores lançarem o arroz sobre o animal gritando: *Ma'adeu, Mahadeu*.

«Em seguida o gãocar faz um rolo de betle e areca, introduzindo-lh'o no pavilhão da orelha, para logo a cortar e ir solemnemente depositál-a aos pés do idolo, onde está um pantim acceso. Voltando para junto do animal, corta-lhe a perna direita (que é dedicada ao idolo) e tirando d'ella alguns bocadinhos, espeta-os em varinhas, e chamuscando-os na fogueira, que se vê no desenho do natural ao lado do pagode, os offerece ao deus tutelar da aldeia, distribuindo-os depois pelos assistentes. Terminada esta cerimonia, cortam os caçadores a perna esquerda do animal, que pelo uso estabelecido pertence ao dessay, antigo senhor da aldeia; depois o membro anterior direito, que compete ao primeiro gãocar; após este o esquerdo para o atirador que feriu a caça; e finalmente, a parte restante, comprehendendo a pelle, os ossos e as visceras é cortada em muitos bocadinhos, de que fazem tantos quinhões quantos são os caçadores e auxiliares da caçada.»

A terceira gravura, que representa a procissão do *Rôto*, acha-se assim descripta:

«*Pagode de Vithôl-deu*. — Em frente da habitação do sr. Raugy Ranes está o grande pagode do deus *Vithôl, Vithobá*, ou *Panduranga*.

«Este templo hindú terá dois seculos de existencia. Está situado na margem direita e a cavalleiro do Torlinoy-volvota, no centro da antiga fortaleza gentilica, no bairro *Vitholapur*, da aldeia de Carapur. Foi mandado construir pelos antigos ranes.

«Dizem elles, que o seu *Vithôl*, deus da castidade e orago do pagode, fôra para ali conduzido de *Pandharpur* ou *Pandhary*, cidade ao sul da India, por um dos ascendentes dos ranes; ou conforme alguns, que elle o achára por acaso, e o tomára como objecto digno de adoração.

«O certo é que lhe dão o nome de *Vithobá* ou

Panduranga, derivado de Pandharpur, aonde o deus Panduranga é adorado por toda a gentilidade do Industão, que para ali vae em romaria duas vezes por anno — em julho e novembro. Este pagode de Panduranga, em Carapur, onde se não fazem essas romarias, tem comtudo algumas festividades annuaes, que são feitas a expensas dos ranes, concorrendo tambem os bazareiros de Sanquelin com a sua quota, como para a *Cheitriponan*, ou procissão do *Rôto*, que é feita de noite, e se vê no desenho do pagode de que se trata.

«Não possue este pagode donativos em dinheiro, como os principaes da nossa India, e é o unico que não tem por sua conta *bazanterys* ou musicos, nem bailadeiras, não obstante existirem na sua vizinhança algumas familias d'estas, que são sustentadas pelos ranes.

«O carro denominado Rôto ou *Rotti — Jatra* é igual, como se vê no desenho, guardadas as devidas proporções, aos de Jaggathnata ou Djaghernat na cidade de Pury. Os carros mais notaveis que vimos na nossa India, além do de Vitholapur, são os de Partagal, em Canácona, o de Chandrenat ao sueste de Salcete, e o de Quiolá em Pondá. São todos de madeira cheia de lavores caprichosos, e repugnantes esculpturas.»

Por hoje limitamo-nos a esta pequena amostra da *India Portugueza*, esperando termos ainda occasião de voltarmos ao assumpto, devassando mais uma vez este precioso livro com a reproducção de alguns idolos, de uma curiosidade extrema, e que melhor completam o que hoje publicamos.

C. A.

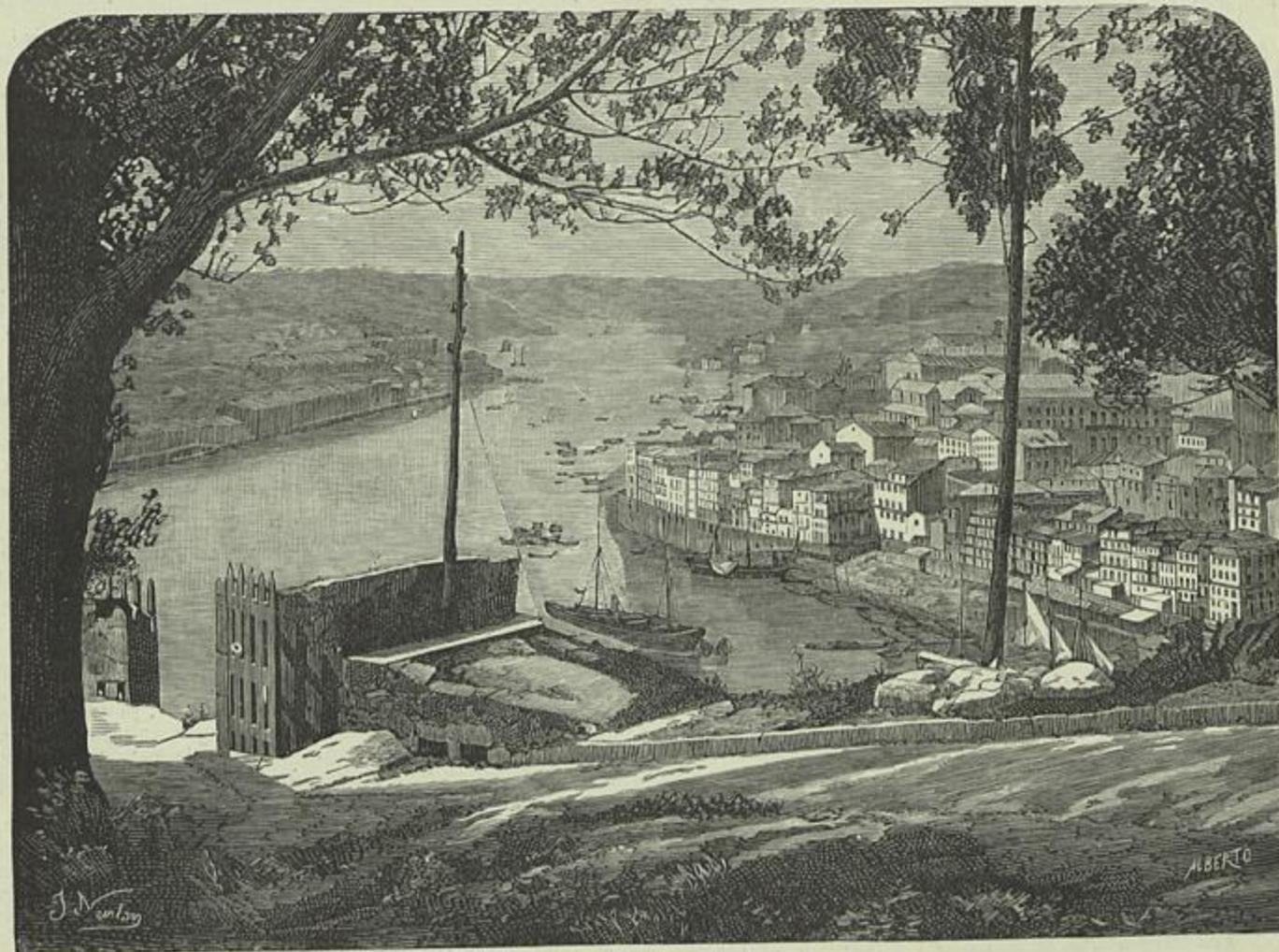
Uma visita ao Limoeiro

VI

Junto da sala n.º 1 está a officina de carpinteiros, onde os presos que trabalham por este officio fazem obras de carpinteria ligeira, e tão ligeira que bem se poderá dizer que essas obras teem a vida das rosas, tal é a sua construcção ou solidez, apesar de durarem um pouco mais que o dinheiro que por ellas recebem os seus fabricantes, o qual, pela sua exiguidade, lhes deve desapparecer das mãos rapidamente.

Nada mais barato que aquelles productos, mas tambem nada a que melhor caiba o dizer-se *armadinho á franceza*, com respeito á solidez, que não á elegancia, coisa inteiramente desconhecida em semelhantes artefactos.

Mezas e bancos de pinho, tabuas de engommar com cavalletes, pás para lixo, tabuas para ensaboar e outras com cacifo para areiar talheres, são em geral os productos d'aquella officina, onde se trabalha pelos mesmos processos e nas mesmas condições economicas a que já nos referimos quando tratámos da officina do pateo.

A officina dos carpinteiros só differe da officina do pateo em ter menos luz, visto que é dentro de casa, e em ser mais acanhada, pois consta apenas de uma casa não muito grande, com pouca luz de duas janellas que tem ao fundo, e muito atravancada de tabuas e obras feitas, tendo apenas uns seis bancos de carpinteiro.

Uma vista do Porto, tirada da serra do Pilar (Segundo uma photographia de E. Biel)

A hora a que alli estivemos era a do jantar, e por isso na officina apenas estavam dois ou tres presos trabalhando; os outros comiam lá fóra, no corredor, as suas parcas refeições, que umas pobres mulheres lhes levavam n'uns cabazinhos.

N'essa occasião fomos nós muito agradavelmente cumprimentados por um pobre homem com ares de muito boa pessoa, e que nos tirou o seu barretinho muito humildemente, humildade nos modos e na feição verdadeiramente captivante.

O guarda que nos acompanhava tocou no braço de Christino, e segredou-lhe ao ouvido breves palavras, que Christino por sua vez me transmittiu baixinho:

— O *Faca de matto!*

— Onde está? perguntei cheio de curiosidade.

— É aquelle, disse-me apontando.

— Qual?

— O que nos cumprimentou.

Era a segunda vez que me enganava com as apparencias; o *Faca de matto* era o tal sujeitinho das cortezias humildes!

Mas estava-nos ainda preparada outra surpreza que excedia toda a nossa expectativa.

Foi o caso na sala n.º 2, onde entrámos só a porta, porque a prisão nada offerecia de particular em relação ás outras que já tinhamos visto.

N'esta sala os presos formaram todos em fileira de dois de fundo á voz do juiz da cadeia, sujeito tambem com muito bons ares, que avançou para nós convidando-nos a vermos a prisão, e mostrando-nos os seus pupillos, que se apresentavam com a mais modesta compostura.

Nós já nos não illudiamos com aquellas apparencias de boas pessoas; mas, apesar d'isso, causou-nos profunda impressão uma coisa que vimos sahir d'entre a fileira dos presos, arrastando-se pelo chão, e que á primeira vista não podemos reconhecer por um homem, tal era a monstruosidade da sua figura e das suas feições.

Pois essa figura era effectivamente um homem, e por ser homem é que estava alli.

O nosso primeiro movimento foi perguntar ao guarda se aquillo tambem era preso, porque mal podiamos comprehender que um ser tão imperfeito, mais apto para apanhar pontapés até de uma creança, podesse ter feito coisa de mal que o levasse á cadeia.

Pois tinha.

— É preso, confirmou o guarda, e condemnado por toda a vida por homicidio voluntario.

Esta declaração pareceu-nos ao principio gracejo, porque um homem que se arrastava nas mãos, sem movimento nas pequenas pernas rachiticas e torcidas, não poderia decerto matar outro, nem voluntaria nem involuntariamente, a menos que não cahisse de um telhado em cima d'elle, como gato esbaforido; e por isso repisámos as nossas palavras desconfiadamente.

— É possivel isso?

— É possivel isto, e o mais que lhes vou contar, asseverou-nos o guarda.

Nunca nos mordeu tanto a curiosidade.

O guarda continuou:

— Esse homemzinho que os senhores vêem matou um homem com um tiro de espingarda.

— O quê! exclamei eu e Christino a um tempo. Como foi que elle se poude servir da espingarda, manejal a...?

— Muito simplesmente. A espingarda deu-lh'a

Zatará, em Amoná

Bondy ou volta da caçada

Cheitriponan ou procissão do Rôto, em Vitholapur

FESTAS GENTILICAS
(Desenhos do natural pelo artista amador sr. Lopes Mendes)

carregada, uma mulher, e elle, collocado atraz de uma moita, esperou a victima, e desfechou contra ella quando a apanhou ao alcance da arma.

— Mas n'esse caso foi um cumplice.

— E auctor tambem, porque a mulher que lhe forneceu a espingarda era casada com a victima e amante d'aquelle monstro.

Nós embaçámos com a revelação d'este pequeno romance tragico, cujo auctor estava na nossa presença, com toda a hediondez da sua figura miseravel e da sua cabeça de microcephalo, negação positiva de um ser racional, nem animal nem gente, e que entretanto desvairára uma mulher a ponto de o preferir a um homem!

Depois d'isto, não ha petas possiveis em romances de Ponson, e nós, que desdenhavamos a sua leitura, aqui nos penitenciamos.

É evidente que o amor é o mais fecundo romancista do mundo, desde o singello idyllio de dois corações que se amam como pombos, até á mais bestial affeição de dois seres que se amam como feras, despresando todas as leis humanas e divinas, e não hesitando ante o crime.

O que acabavamos de saber era a prova mais eloquente de quantas aberrações se aninham no seio do amor; e d'esta vez Cupido encarnara-se n'aquella figura sevandija, e de tal modo, que na cadeia chamam ao preso em questão o *Cupidinho*, e mostram-no como *avis rara*, do que elle parece não desgostar, principalmente na presença de mulheres, para quem elle se ri maliciosamente, fazendo caretas comicamente hediondas.

E digam-nos se não cabe aqui aquella phrase estafada:

Ah! mulheres! incomprehensiveis mulheres!

(Continúa) *Caetano Alberto.*

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XX

O torpedeiro submarino peacemaker — A psychologia da musica segundo Leveque — Influencia do som articulado para a interpretação do som musical e d'este pelo outro — Percepção musical — Associação do som articulado e articulado — Exemplos — A musica dos bailados.

A nossa gravura representa o monitor *peacemaker* ou *pacificador*, inventado por J. H. Tuck, quasi a realisação do *nautilus* de Julio Verne. Tem 9,15 metros de comprimento, 2,68 metros de largura e 1,83 metro de altura. Tem nos costados uma certa quantidade de chumbo, cujo peso está calculado mathematicamente para que o barco se possa manter fluctuando. Apparelhos especiaes introduzem a agua em determinados compartimentos com o fim de fazerem mergulhar o barco á profundidade que se deseja. Em caso de demora debaixo de agua os depositos de ar comprimido fornecem meio de renovar a atmosphera no interior. A tripulação consta de dois homens: o capitão e o machinista.

Um timão ordinario faz com que se mova horisontalmente, emquanto um duplo timão serve para o movimento vertical e obliquo, subindo ou baixando á vontade de quem o dirige.

O barco é oval, como se vê na nossa gravura que representa este torpedeiro submarino no acto de submergir-se no oceano. Na parte superior tem um zimborio de 30 centimetros de altura por 35 de diametro, aberto em frestas fechadas por grossas laminas de vidro, que se abrem por dentro e no qual observa de atalaia o capitão. O machinismo funcciona por meio de gaz comprimido na pressão de 100 libras.

A manobra do *peacemaker* é a seguinte. Passando por baixo do casco de um navio inimigo, faz sahir um tubo lança-torpedos carregado com dois cartuchos explosiveis, os quaes vão unidos entre si por meio de um fio de aço e em communicação com o torpedeiro por um fio electrico. Os cartuchos teem fluctuadores de cortiça para que subam á superficie e se adaptem ao costado do navio. Conseguida esta operação, o torpedeiro retira-se a distancia conveniente e por meio do fio de communicação, fazendo-lhe passar a corrente electrica, determina a explosão.

Em New York fizeram-se muitas experiencias. O *peacemaker* com os dois homens a bordo permaneceu debaixo de agua cêrca de 7 minutos a uma profundidade de 40 pés, e correu velozmente em todas as direcções, subindo e descendo com a maior facilidade, e passando por baixo da quilha de varios navios. A velocidade média do barco é de 12 milhas por hora. O nome de *pacificador* allude a acabarem-se por este meio com as grandes esquadras couraçadas.

Vê-se pois que a navegação submarina está quasi resolvida. Que enormes descobertas para a sciencia não virá ella trazer e que abundante colheita de novos exemplares nos dará o fundo do Oceano explorado por esse meio!

—Segundo Leveque, que n'estes ultimos tempos se tem occupado da *phychologia-musical* — o poder expressivo da musica instrumental fica sempre inferior á determinação da linguagem falada. Era esta tambem a opinião de Beethoven. Conta-se que um poeta traduzira em versos magnificos as suas symphonias e sonatas, julgando haver expressado o pensamento do maestro. Este, porém, grandemente indignado, declarou que nunca pensára compondo a musica no que o poeta escrevera e que a musica não podia ser interpretada pela linguagem falada.

É ao canto, segundo Leveque, que compete instruir o ouvinte. Basta uma palavra; mas é por meio d'essa palavra que a imaginação musical explica ou interpreta os signaes musicaes. Sem essa palavra ou palavras os signaes ficariam muito vagos.

A imaginação auditiva ou memoria dos sons é a faculdade de conservar as imagens sonoras e de as reproduzir mentalmente. Essa imaginação, commum ao homem e aos animaes não é mais do que a memoria. Ainda assim a palavra imaginação parece querer exprimir alguma combinação ou addicção feita pelo sujeito que se lembra.

Nenhuma outra percepção tem mais necessidade da memoria do que a percepção musical. Perceber no mesmo instante uma phrase musical, é ao mesmo tempo *conhecer e lembrar-se*, em consequencia de cada um dos sons da phrase passar para dar logar ao seguinte, e por isso persistindo aquelle sómente na memoria. Para bem perceber qualquer phrase é pois necessario que a memoria musical, ainda a mais exercida, seja attenta, isto é voluntaria.

A associação que serve da base á memoria musical, fundamento de toda a musica, é a do som articulado — palavra — com o som inarticulado — canto da palavra. A palavra é o som phonetico; o canto da palavra é o som musical ou *tom*, com todos os seus elementos.

O som articulado e o som inarticulado completam-se um ao outro. Se o ouvinte ouve algum d'elles procura o outro e, senão o acha, imagina-o.

Eis alguns exemplos d'essa associação e que nós entractamos do *conte-rendu da Academia das sciencias moraes e politicas*, de Paris.

Para ameaçar o filho ou por lhe prometter uma recompensa a mãe não fala no mesmo tom. No primeiro caso ella põe, eleva, e abaixa a voz de um certo modo; pronuncia a phrase dividindo-a, ferindo-a, repetindo-a, suspendendo-a e voltando a ella de certo modo. Intoação, lentidão, compasso quasi batido por syllabas apoiadas, rythmo pelas pausas e repetições quasi symetricas, todos os signos musicaes serão caracteristicos das palavras ou signaes phoneticos expressivos da ameaça.

No segundo caso se a mãe amima a creança e lhe faz promessas agradaveis, tonalidade, andamento compasso, rythmo bem marcado, tudo differe do canto da palavra do primeiro caso, como a promessa acariciadora pode differir da terrivel ameaça. Para melhor comprehender esta theoria basta pronunciar estas duas phrases: — Obedece ou castigo-te! Sim! levas pancada! — Como tens estado quieto vaes hoje ao theatro. Serão, como se diz, duas canções differentes.

N'um e n'outro caso a mãe terá encontrado instinctivamente a palavra do pensamento e o canto exacto d'essa palavra, porque esses dois elementos se attrahem naturalmente, porque essas palavras teem necessidade de toda a sua expressão para produzirem o effeito. Imagine-se a ameaça dita com o tom de promessa agradavel; n'este caso a creança não teria medo.

Imagine-se agora uma creança, que ouve uma voz ralhando ameaçadora n'um quarto contiguo, sem que se lhe percebam as palavras. A creança pode interpretar de muitos modos o canto d'essa voz, todavia não tem nenhuma rasão sufficiente para adoptar tal ou tal interpretação.

Na opera um auctor canta perfeitamente e não perdendo uma palavra o ouvinte nada tem a interpretar. Se, porém, não poude perceber muitas das phrases, nem por isso deixará de comprehender. Por pouco que tenha visto e ouvido restabelecerá por inducção o que os seus ouvidos não aprehenderam. E em que se funda essa inducção? Sobre o canto musical com o seu caracter, sobre algumas palavras que explicam esse canto e algum tanto explicadas por elle e algumas vezes tambem sobre algumas sonoridades da orchestra, além dos olhos que tambem forneceram uma boa parte de informações.

Nos bailados falta a linguagem articulada. Para alguns espectadores um bailado é apenas um espectaculo destinado a regalar os olhos pelas danças ligeiras, posturas graciosas, reguladas e acompanhadas de musica. Para outros é, porém, um drama com personagens mudos. Mas como o comprehendem? Pelo libreto ou então conhecendo apenas o titulo, estarão no mesmo caso do ouvinte de uma opera mal cantada ou cantada em lingua desconhecida. Por conseguinte ser-lhes-ha necessario interpretar o drama pelo que véem e comprehenderem a musica pelo espectaculo. Ora para que essa musica sem palavras os interesse é necessario que elles mentalmente lhe introduzam palavras por meio de um libreto que a sua imaginação formará ao passo que a peça se lhes desenvolve ante os olhos. Essa interpretação é trabalho cuja fadiga altera o prazer musical. O libreto estudado com antecedencia poupa ao ouvinte uma perda de goso esthetico. Para um amador exercitado bastar-lhe-ha um summario, para comprehender as bellezas musicaes. Tanto mais intelligente e musicalmente cultivado será o ouvinte, tanto mais extenso e desenvolvido deverá ser o summario, mas por breve e curto que seja esse summario, a imaginação interpretativa encontrará n'elle um apoio. — Porque é que as repetidas audições podem produzir o mesmo effeito que um summario?

Porque ellas explicam gradualmente o que era obscuro e fazem as vezes de um summario ou de um libreto pouco a pouco inventado pelo espirito do assistente.

João de Mendonça.

A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 281)

Foi a 11 de outubro que chegaram ao *Cahungula*. Este já tinha mostrado a sua adhesão ao Muata-Quibunsa (D. Sebastião) e agora ficaram certos de que era verdadeira, pelas distincções que lhe prestou, o que é importante.

Apenas chegada a expedição, e acampada, tratou o chefe de obter do potentado a cedencia de algum territorio para a fundação e assento de uma *Estação*.

Cahungula não poz difficuldade alguma. Escolheu-se o terreno, demarcou se, e sem demora começou a construcção.

O terreno escolhido mede uma area de 700^{m2} aproximadamente. O edificio consta de um pavimento, é sobremontado por um frontão, ao meio do qual assentam as armas de Portugal, descendo da corôa ao longo das empenas duas listas onde se lê: *Luciano Cordeiro* e por debaixo da corôa *Estação*. Em frente da casa ha uma praça ladeada de largas ruas que vão unir se á estrada que se abriu para a *Quipanga*, residencia de Cahungula, na extensão de 700 metros e que ficou denominada — *Estrada de D. Luiz I*. A frente da estação abriu-se outra no rumo d'oeste que vae ao *Masai*, confluente do Liôrca, onde ha uma ponte *manhosa*, que tambem houve intenções de substituir; chama-se a estrada de *D. Maria II*, e tem de extensão 1:500.

Largo, ruas e estradas foi tudo arborisado, tendo sido plantadas mil e seis centas arvores de *mulêmba* (incendeira em Angola) especie de figueira de grande corpulencia e rapido crescimento.

Com tanto afan se trabalhou que aos 31 de outubro, para solemnisar os annos de S. M. El-Rei, o Senhor D. Luiz, foi inaugurada a estação e uma escola de que logo fallaremos. Essa data foi tambem inscripta no frontespicio da estação.

Primeiro havia-se obtido, como se disse, auctorisação para a escolha do terreno, e depois alcançou-se a cedencia d'elle para Portugal, de que, n'esse dia, se celebrou o respectivo auto.

Para solemnisar estes tres factos: os annos de el-rei, a inauguração da Estação e a da Escola empregaram se os meios que se podiam empregar no meio dos sertões de Africa.

Tres cornetas e tres tambores, devidamente ensaiados, tocaram ao romper da manhã uma alvorada floreada, o que animou e alegrou muito o gentio. Rompeu a alvorada na frente da Estação, d'alli seguiram para a residencia de Quibunsa, Muata Yanvo, á frente da qual repetiram o toque, e o mesmo fizeram na frente da Quipanga do Cahungula. Voltaram depois á frente da Estação, onde tocaram uma marcha, em andamento grave, em quanto, no grande mastro, devidamente preparado, era içada a bandeira portugueza. Quando os cornetas paravam, tocava uma harmonica varias peças de musica, entre as quaes o hymno nacional, o de el-rei e outros.

Firmada no grande mastro a bandeira nacional,

deram se as salvas de fuzilaria, em signal de regosijo.

O que foi mais curioso para os nossos expedicionarios, foram as danças que em seguida se formaram no grande largo, segundo o uso e estillo dos diversos povos que assistiam á festa — *bengalas, luandas, lundas*, etc.

Este preliminar da grande solemnidade terminava ás 10 horas da manhã, indo todos em seguida almoçar.

Ás 11 horas mandou-se um homem vestir o Muata Yanvo. A sua *toilette* compunha-se d'umas calças de bom panno azul, guarnecidas de galões de ouro e prata, um collete de setim branco, bordado a prata e ouro, farda de governador civil; uma cinta que se arranjou de zuarte azul, por não haver cousa melhor, guarnecida tambem de galões e franja de prata e ouro; a tiracolo uma facha encarnada tambem guarnecida como aquella; espadim dourado e rewolver, e um chapeu armado.

Nunca elle se vira assim. Imaginamos como elle se não miraria ao espelho, e como as suas *odaliscas* o não haviam de achar feiticeiro n'aquelle dia.

A sala de entrada da Estação achava-se adornada com o possivel esmero. Ao fundo levantava-se um supedaneo em degraus coberto com um bom tapete, sobre elle a cadeira do chefe da missão, a que fazia cupula um docel tal qual. Era ladeada a cadeira por dois assentos forrados de baeta vermelha; ao meio uma meza coberta com um bom panno, na frente outros dois bancos forrados pela mesma guisa; a cadeira estava vellada.

Ao lado direito da meza, guarnecida de baeta vermelha, estava collocado um throno com uma cadeira para o Muata, coberto com uma manta de lã encarnada; uma grande pelle de leão em baixo, com um tapete pequeno por cima, defronte as tres cadeiras do chefe e adjuntos tambem cobertas de mantas de lã; o chão esteirado.

Nos angulos da sala bandeiras portuguezes pendentes. Sobre a meza, em cada topo, uma caixa de musica grande, ao centro uma bandeja de christofle com doze crucifixos de metal dourado pendentes de cordões de fio de ouro; em uma pequena caixa um bom collar de trança de prata dourada com uma boa cruz massiça do mesmo metal; tinteiro, papeis, e ainda outra bandeja com copinhos e um jarro grande de christofle cheio de vinho do Porto.

Ao meio dia tocou á guarda, e formou esta, que era composta do cabo e 11 soldados brancos, 12 contratados de lunda e mais 7 que haviam sido contratados pelo caminho: ao todo 30 praças e 1 cabo; todos de fardas encarnadas, bonets de veludo preto bordado a trancinha encarnada e borlas; calças de panno riscado em listas brancas, encarnadas, amarellas, azues e verdes; espingardas *Westley-Richard*.

Apenas appareceram o Muata e o Cahungula, com os respectivos estados e povo, ao principio da estrada de D. Maria II, a guarda, que já estava formada, abriu fileiras. Ao aproximar dos dois potentados, o frontão foi descoberto, a guarda apresentou armas, deram-se tres salvas, e em seguida um tiroteio de alegria.

Entraram depois para a sala e custou muito a accommodar aquelle gentio todo, não só pela grande multidão, como pela etiqueta das precedencias, em que elles são muito meticulosos. Em toda a parte é a mesma coisa. Em fim entrou quem devia e poude entrar, e o resto ficou fóra, no largo, entregando-se ás danças e festejos que os seus usos e costumes lhes ensinam.

Assentados todos, em um breve discurso declarou o chefe o fim da reunião; em seguida leu o auto da inauguração e cedencia do territorio, sendo tudo traduzido e explicado na lingua d'elles pelos interpretes, e com grandes applausos e signaes de contentamento foi tudo approvado: ficou portanto o solo perfeitamente portuguez, como já era tacitamente, e isto por cedencia que fazia ao seu *antigo amo e irmão Muene-puto*, declarando tanto antes como então que era dado e não o queriam vender.

Houve então discursos dos potentados para festejar os annos do seu *irmão e senhor el-rei de Portugal*,—cujas palavras temos pena de que nol-as não traduzissem, para as reproduzir-mos aqui,—e logo para o mesmo effeito, foram offerecidas ao chefe, e n'aquelle mesmo logar, presentes de *carneiros, cabras* e *mandioca*.

Então o chefe levantou o brinde a el-rei, e elles beberam, segundo o seu ceremonial, cobrindo-se com chapellinhos de sol; levantando-se dentro e fóra da sala vivas a *el-rei D. Luiz*, tocaram as cornetas e tambores a marcha grave, em seguida o harmonium tocou os hymnos nacional e de el-rei, e a guarda e carregadores deram uma salva, seguida de um tiroteio.

Além da gente dos dois potentados e seus subditos, estavam presentes á festa alguns *filhos do Congo*, de que fallaremos depois. Bebem todos; é gabado o vinho; vem mais; e emquanto a caixa de musica n.º 1 toca o hymno de el rei, lança o major Dias de Carvalho ao pescoço de D. Sebastião (*Muata*) o colar de que acima fallámos, e os crucifixos são distribuidos pelos grandes. Corre se então a cortina do docel, as caixas tocam, apparece a cadeira, que é admirada por todos.

Grande enthusiasmo e alarido na praça e ruas; as danças continuam; e são distribuidos pequenos realejos pelas *muáris* do Muata e do Cahungula, isto é, pelas suas mulheres ou concubinas.

Pelas 3 horas da tarde termina esta festa com a inauguração de uma escola de instrucção primaria a que se deu o nome de *Quibunsa-Yanvo*. O Muata leva comsigo a manta de lã em que esteve sentado e o Cahungula doze lenços de seda.

Retiram com grande satisfação e alegria, continuando o povo as suas danças e festas.

Ao sol posto é arriada a bandeira com as mesmas cerimonias.

Infeliz ou felizmente, á noite entrou a chover, o que foi causa de que não houvessem as danças e fogueiras com que se contava, para corôar a festa; talvez a chuva fosse providencial, porque poderia haver alguma semsaboria, o que se sentiria muito, depois de um dia tão festivo, de tanto prazer e de tantas consequencias importantes e agradaveis para nós.

A escola inaugurada, digna corôa d'aquella festa, segundo o regulamento elaborado pelo sr. Dias de Carvalho, é obrigatoria para os menores aggregados á expedição e facultativa para os outros e adultos, e segundo as noticias que temos, vae dando optimo resultado.

Assim leva-se ao centro da Africa a luz da civilisação e não o facho da destruição; procura-se illustrar o preto, e não exterminal o dos climas onde só alguns europeus se podem aclimar. Foi esse sempre o pensamento dos nossos descobridores, em que peze aos detractores e especuladores estrangeiros.

(Continúa) J. B.

RESENHA NOTICIOSA

Joia offerecida a S. A. o principe D. Carlos. O sr. José Pardal, nosso collaborador artistico officioso, de quem os nossos leitores já tem tido occasião de vêr desenhos nas paginas do Occidente, offereceu a S. A. R. o Principe D. Carlos, com destino a S. A. a Princeza D. Amelia um delicado broche-travessão de ouro e platina, representando uma guiga com todos os seus pertences. Tivemos ensejo de vêr esta mimosa joia a qual é de elegancia e execução inexcedivel. O casco é de ouro matte representando tabua trincada com a falca polida; os bancos são guarnecidos de saphyras e brilhantes, sendo o logar do timoneiro tambem cravado com um saphyra, um brilhante e um rubi a formar as côres da nação franceza; os remos de ouro e as forquetas de platina são de uma delicadeza encantadora, formando o conjuncto, como já dissemos, uma verdadeira joia inistimavel. Sua Alteza que se dignou receber esta offerta das proprias mãos do seu auctor, tomou no mais alto apreço a lembrança do sr. Pardal, tanto pela belleza da joia como pelo pensamento que representa, porque, como se sabe, Suas Altezas tem grande predilecção pela marinha. O sr. Pardal, que é um distincto ourives, auctor e executor de obras de ourivesario artistica, como o annel cofre que a Associação Typographica Lisbonense offereceu em tempo ao major Quillinam, a insignia de musico da Real Camara que S M. el-rei D. Luiz conferiu á prima dona Borghi Mamo, etc., revelou mais uma vez o seu notavel merito artistico na concepção e execução do broche de que acabamos de falar.

Telephonio. Acha-se installada e funccionando uma rede telephonica no districto de Benguella. Fala-se da capital para a Catumbella, 26 kilometros, como se fala em Lisboa, do Terreiro do Paço para Belem.

Conferencias pedagogicas. Na conformidade do que dispõe a legislação em vigor, tem se effectuado nas diversas circumscripções escolares, as conferencias pedagogicas annuaes. Comquanto não se tenha colhido resultado algum pratico d'estas assembléas annuaes, e nos pareça antes, que ellas tem mal entendido o fim para que foram instituidas, no corrente anno, tem-se occupado algumas d'ellas da reforma orthographica, segundo as idéas do sr. dr. Barbosa Leão. Bom é que se dê algum passo no sentido de simplificar a nossa maneira de escrever, e se não nos parecem exequiveis e convenientes algumas das modificações propostas pelo illustre apostolo, tambem entendemos que muitas d'ellas são dignas de acceitação e deviam ser adoptadas por todos, visto que já o estão por uma parte da imprensa do paiz.

Exposição. Nas salas do periodico *Commercio de Portugal*, está aberta uma exposição de productos nacionaes que vão ser enviados para a *Casa Portugueza*, instaurada em Paris, pelo sr. Nicolau de Brito. É digna de attenção e merece ser vista.

Producção fabulosa. Vimos alguns braços de vides das propriedades do sr. Visconde da Ribeira Brava, na Vidigueira, que, não tendo mais de setenta centimetros a 1 metro de extensão, produziram 20, 30, 40 ou mais cachos formosissimos.

Casado del Alisal. No dia 10 do corrente mez falleceu em Madrid, em todo o vigor da vida e do talento, o bem conhecido e notavel pintor D. José Casado del Alisal, uma das glorias da Hespanha. Em geral os seus assumptos são bem pensados, bem dispostos, e tratados com bastante energia e calor. Citam se como os mais distinctos quadros: *As côrtes de Cadix, A Odalisca, A rendição de Bailen*, e o *Sino de Huesca* ou *Lenda do rei Monge*, que por ambos os nomes é conhecido, e onde o pintor attingiu o mais alto grau de vigor. Casado del Alisal pintou até á hora da morte. Estava no seu obrador traçando umas figuras a *prosa* e a *poesia*, quando se sentiu incommodado, largou os pinceis, immediatamente lhe sobreveio uma hemorragia, e em poucos minutos falleceu. A Hespanha soffreu uma grande e inesperada perda.

Cholera morbus. Depois de ter feito estragos em algumas povoações da Italia e Austria-Hungria reappareceu o cholera em Hespanha, tendo-se dado alguns casos em Malaga, e outras povoações. Não é ignorado de ninguem, depois do relatorio de Bouardel que as auctoridades do reino visinho tratam sempre de encobrir a existencia do mal, e quando já o não podem fazer, de diminuir, ao menos, o numero dos atacados e das victimas, por isso não é de extranhar que ao governo, segundo se diz, tenham chegado informações contradictorias a tal respeito: o que cumpre é, verificado que os vice-consules informaram falsamente, demittil-os logo. Estamos porém persuadidos que a epidemia não se tem desinvolvido em Hespanha, e que por ora não devemos ter receio. Comtudo cautella e mais cautella. Cumpre ao governo ser tão vigilante como o foi o que lhe antecedeu.

Martinez. O aereonauta Theodoro Martinez, conhecido entre nós pelo capitão Martinez e que algumas ascensões fez em Lisboa e Porto, fôra preso ha cerca de um anno em Badajoz, por suspeito de ter lançado fogo a uma jaula onde se achavam uns leões que se mostravam na praça dos toiros d'aquella cidade, e que morreram queimados por esse motivo. Foi finalmente absolvido, sendo o proprio representante do ministerio publico o primeiro a declarar que não havia elementos de accusação contra Martinez, e que lhe não cabia a minima responsabilidade n'aquelle caso. Ainda bem.

Convento de Lorvão. Estava para ser desoccupado este famoso cenobio, por apenas alli restar uma unica freira, a qual fôra mandada recolher a outro convento, mas o medico da localidade, declarou que perigaria a vida d'ella, no estado em que se acha, se d'alli fosse transportada para outra parte, pelo que foi dada contra-ordem. Foi em consequencia da visita feita a este convento que Alexandre Herculano escreveu aquelles famosos artigos, que ainda hoje lembram. Se podessemos invocar a sombra do grande historiador, invocal-a-iamos para apparecer em horas de extasis aos poderes publicos, a fim de que pensem em dar um destino util e consentaneo, das suas proporções, áquelle grandioso e vasto edificio, que representa o trabalho e dispendio de varias gerações, ao qual estão ligadas recordações historicas. É um crime de lesa nacionalidade deixar extinguir e arruinar um monumento d'aquella ordem e belleza.

Novos meios de locomoção. Um engenheiro de Philadelphia, inventou um novo processo para fazer andar as locomotivas. Um tender disposto convenientemente receberá gaz comprimido que substituirá o combustivel. A diminuição de peso obtida por este processo, faz prever um augmento de velocidade consideravel. Um aereonauta americano Van-Tanel, fez construir em S. Francisco, um balão que é o maior até hoje construido e propõe-se a atravessar o oceano levando quinze pessoas na barquinha. A sua intensão não é propriamente navegar, mas suppõe-se que aproveitando a corrente dos ventos, uma d'ellas impellirá o seu balão para a Europa com uma velocidade de 160 kilometros por hora. Já o padre Bartholomeu de

Gusmão dizia que se poderia, com o seu invento, percorrer 100 ou mais leguas por hora. O peior são os accidentes. E encontrará o aereonauta as taes quinze pessoas?

REGATA. Verificou-se no dia 12 do mez passado no Porto uma luzida regata promovida pelo Real Club Fluvial Portuense.

BUSSACO. Realisou-se no dia 25 de setembro ultimo a festa commemorativa da batalha ganha alli contra o exercito francez. Uma força de artilheria deu as salvas do estyllo, e celebrou na cerimonia religiosa o sr. bispo-conde.

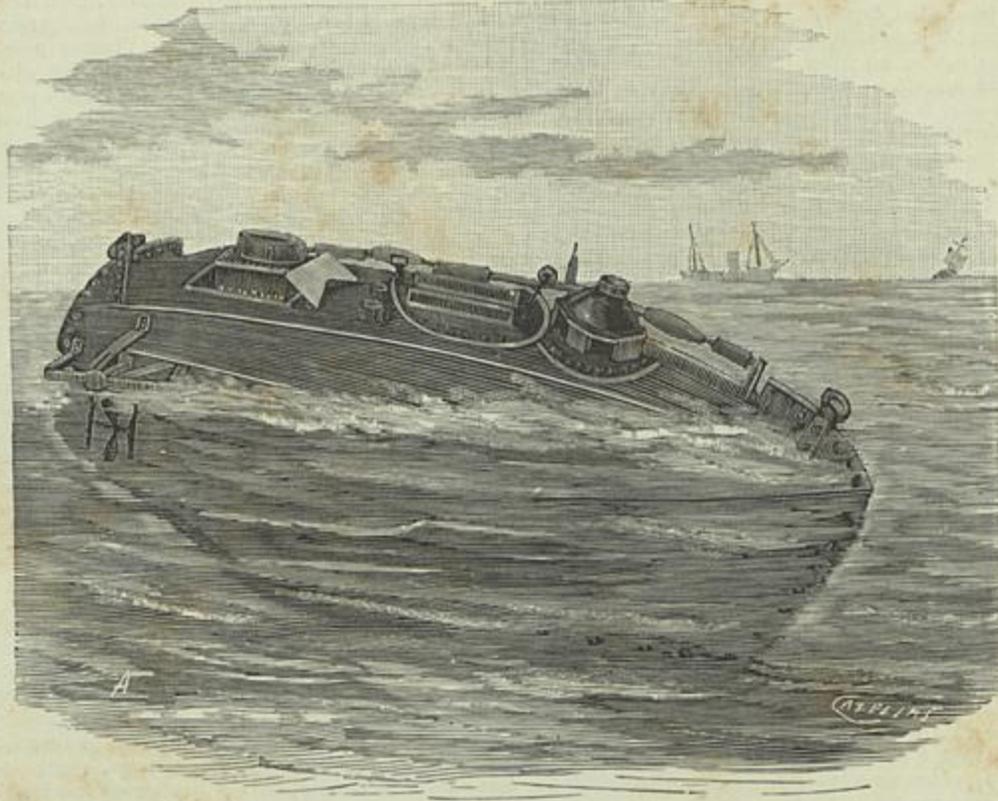
QUADRO DE RUBENS. Um quadro d'este auctor, que existe no côro da egreja de Jesus, e a que por vezes nos temos referido n'esta resenha, vae finalmente ser removido para o Museu Nacional de Bellas Artes, devendo realisar-se a entrega no dia 24 do corrente.

UM QUADRO DE RAPHAEL. Consta a um jornal francez que foi encontrado em Hières o quadro original de Raphael, que representa a Virgem do Loreto.

O NOVO TORPEDEIRO AMERICANO DE MR. TUCK — **Vid. artigo "Actualidades Scientificas"**

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL. Tanto o ministerio da Agricultura, como a commissão aggraria de Roma (Italia) se estão presentemente occupando de assentar nas bases convenientes para se effectuar n'aquella capital um concurso — exposição internacional relativo á creação e melhoramento das aves domesticas, com o fim de acclimar em Italia esta industria, que era muito descurada, e tem ultimamente tomado alli grande incremento, attentos os descobrimentos e bons resultados que produz no estrangeiro.

A LEI DOS PRIVILEGIOS DE INVENÇÃO NA SUISSA. Não existe na Suissa lei relativa a este assumpto; já por duas vezes, em diversas epocas, se haviam apresentado ao conselho federal propostas para uma lei similhante, mas fôra de ambas as vezes rejeitada pelo povo suisso. Em 1882 o conselho nacional a havia votado por maioria, mas ficou tudo na mesma. De novo foi agora apresentada a proposta de lei, e apesar de grande opposição, foi admittida por 76 votos contra 45. Opinam os suissos que a industria nacional prospera sem esses privilegios, emquanto a decadencia da industria franceza é devida á protecção dos inventos. O conselheiro Droz protestou contra a theoria da pirataria industrial, accrescentando que a honra suissa se acha empenhada com os Estados da União; os adversarios, porem, contestavam-lhe alegando que a instituição dos privilegios, se considera como um monopolio, a favor dos fundos industriaes. Diz um periodico, que com esta resistencia julgam os suissos persuadir ao mundo que a razão está do seu lado; mas a verdade é que, apesar da variedade dos seus productos, a Suissa não lhes dá consumo, e tem precisão dos paizes estrangeiros, não só para lh'os receber, mas para acceitar a sua grande emigração; e alem d'isso que tenham ou não tenham elles a lei dos privilegios de invenção, como não pode a nação consumir os seus productos, e as outras nações lh'os não poderão acceitar, porque lh'o vedam n'aquellas leis protectoras, chegarão, como já tem chegado, ao extremo de comprar os privilegios aos inventores estrangeiros para poderem fabricar.

PAPEL PERGAMINHO. O sr. O. Koletzki, director de uma fabrica de papel na Russia, acaba de descobrir o meio de fazer um papel pergaminho que indubitavelmente será de grande utilidade para impressões de luxo. Este papel, que se obtem pela acção do acido sulphurico sobre papel de algodão sem colla, tem muitas vantagens sobre o verdadeiro pergaminho. Em primeiro lugar pode-se fabricar do tamanho que se deseje. A sua transparencia e côr é perfeitamente a mesma que a do pergaminho, com quanto a sua flexibilidade e consistencia seja algo inferior. Mas em compensação o papel pergaminho tóma com facilidade as cores da anilina, e póde empregar-se na fabricação de flores, capas de livros e outros usos similhantes. Já conheciamos uma especie de papel pergaminho, o qual, ao que parece, não tem todas as importantes qualidades d'este.

COLONIA SÁ DA BANDEIRA. Segundo informações de Angola é muito prospero o estado da colonia d'esta denominação, fundada nas proximidades de Mossamedes. Diz-se que os colonos vivem muito satisfeitos e que os trabalhos agricolas tem dado resultados vantajosos. Como se sabe Mossamedes é o melhor clima da Africa Portugueza.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Estudos eborenses. Sob este titulo geral tem o infatigavel trabalhador e illustrado archeologo o sr. Gabriel Pereira publicado uma serie de pequenas e faceis monographias relativas a assumptos que se ligam estreitamente á cidade de Evora. Temos presentes dois desses. Refere-se o primeiro á *Bibliotheca publica*, consta de 32 pag. de 8.º francez e é impresso na *Minerva eborense*, no corrente anno. E' conhecida de todos a importancia d'aquelle vasto deposito litterario, a cujas riquezas, accumuladas com mão diligente por um sabio prelado o arcebispo D. Fr. Manuel do Cenaculo, se tem vindo juntar outras de varias procedencias. As muitas preciosidades que encerra a collecção dos seus manuscriptos podem ser percebidas pelo catalogo começado pelo illustre Cunha Rivara e continuado pelo sr. Telles de Mattos. O sr. Gabriel Pereira descreve rapidamente o edificio, traça as suas linhas historicas; falla do fundador e do seu Diario, dos encarregados da sua guarda e conservação, dando-nos os principaes topicos biographicos d'elles; diz-nos as preciosidades artisticas que encerra, desde os quadros ou pinturas em madeira e tella da escola gothica, até aos famosos desenhos de Vieira Lusitano; resenha outros objectos de arte e productos naturaes, cita os prejuizos e delapidações que soffreu a casa, especialmente da parte de um homem, aliás illustrado, D. Fr. Fortunato de São Boaventura; e finalmente dá uma perfeita idéa do que é o edificio e do valor do que n'elle se guarda. O outro opusculo trata dos *Conventos de freiras, 1.ª parte; Paraizo, Santa Clara e S. Bento*, n'este descreve os sitios do seu assento, e o horisonte que d'este ultimo se gosa; falla dos fundadores e bemfeitores de cada um, indicando as lendas que a respeito da sua fundação se espalharam; regista as legendas que se encontram nas suas principaes sepulturas, dizendo alguma coisa dos personagens a quem se referem; não se esquece de mencionar os factos historicos que a elles se ligam, como a vida da *Excellente senhora*, a esbulhada rainha de Castella, e mallograda *esposa* de D. Affonso V, e o facto da morte da abbadessa Joanna Peres e outros; descreve objectos de arte, uns que foram vistos na exposição de arte ornamental, outros que alli se guardam, dando certo desenvolvimento ao capitulo artistico dos azulejos, uma das coisas mais caracteristicas do nosso paiz e que em Evora abunda; assim como outras obras de arte dos diversos periodos artisticos de designações diversas. Não queremos dizer que uma ou outra vez nos não pareçam pouco fundadas as opiniões do auctor, mas em geral, sabe bem, conta facilmente, e vê com prespicacia.

Elementos para a historia do municipio de Lisboa, *por Eduardo Freire d'Oliveira;* continua com a regularidade costumada a publicação d'este valioso repositorio de noticias e elementos importantes, não só para a historia de Lisboa, como do paiz. Ahi se encontra o importante documento de paginas 133, onde a vereação lembra e pede o cumprimento das estipulações firmadas pelo primeiro Fillippe, de serem portuguezes os ministros e officiaes publicos, etc.; outros lavrados para interesse dos povos, como o que manda mudar os ourives da prata para outra rua, pela estreiteza da em que estava, e manda alargar a dos Fornos; veem-se os gastos que se faziam com as visitas e nascimentos dos principes, gratificações e vestiarias que se davam por estes e outros motivos; e até a folia e seus foliões que mandaram a Madrid, para festejar o nascimento do principe com que o rei muito folgou; o longo processo que os continuos intentaram por se lhes não ter dado vestiaria, e outras especies curiosas que se encerram nas folhas 10, 11 e 12.

Dánoscar, poema dramático en prosa, original de Manoel Lorenzo d'Ayot, de la Académia Mont-Réal de Toulousse (*sic*). Madrid. Imprenta de Gabriel Pedraza, calle de las Huertas, 58. 1886. — Dánoscar, o caudilho gallo, sente um vacuo em si, não sabe qual é o seu destino, vae ao bosque de Dis, interroga e sacerdotisa, que lhe diz que o facho do seu destino está apagado perante a eternidade; manda lançar fogo á floresta para a accender, ardendo o idolo; aprisionou Sigfrido, e como é amante da donzella christã Amalia, por quem enlouquece de amor, manda-o matar. Pede a Amalia de joelhos o coração, e como esta responde ser impossivel, mata-a, arranca-lho, absorve-o, acha que não val a pena tanto desvello por tão amargo boccado, e cae desfallecido.

ERRATA

No artigo — *José Gomes Góes* — no numero antecedente, a pag 230, col. 2.ª, lin. 70 e col. 3.ª, lin. 12, onde se lê *aula de diplomacia*, lêa-se *aula de diplomatica*.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.